

ACESSO A REMÉDIO REDUZ INTERNAÇÃO

De fevereiro de 2011 até junho deste ano, mais de 32,5 milhões de pacientes obtiveram medicamentos de graça ou com descontos

Por Carmen Nery

A pesar dos bons resultados alcançados, não há previsão de expansão da lista de doenças que podem ser combatidas com o programa de medicamentos gratuitos do Ministério da Saúde. Nos últimos três anos, o Ministério da Saúde investiu mais de R\$ 5,7 bilhões no programa Farmácia Popular. A ação Saúde Não Tem Preço, lançada em 2011, gerou uma ampliação do número de pessoas atendidas pelo programa Farmácia Popular, passando de 1,2 milhão para 7,5 milhões de pacientes beneficiados em todas as patologias, o que representa um crescimento de 496%. De fevereiro de 2011 até junho de 2015, foram atendidos mais de 32,5 milhões de pacientes.

Medicamentos para o mal de Parkinson, colesterol, glaucoma, osteoporose, reumatismo e contracepção são oferecidos com 90% de desconto e remédios para hipertensão, diabetes e asma têm distribuição gratuita. Segundo José Miguel

do Nascimento Junior, diretor do Departamento de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde, não há previsão de mudança no programa, mas o orçamento de R\$ 2,6 bilhões do ano passado será mantido em 2015, sem risco de cortes.

“No primeiro ano de gratuidade do Programa Farmácia Popular, em 2011, houve uma redução de 11 mil internações decorrentes de hipertensão e diabetes. No ano seguinte, incluímos remédios para asma, com redução de 30% no número de pacientes internados. Mas não há previsão de ampliação da gratuidade. Estamos priorizando ampliar a capilaridade do programa para mais municípios”, afirma Nascimento.

O programa Farmácia Popular não é a única iniciativa do governo. Hoje, quem não pode pagar por remédios ou tratamentos tem o direito, por lei, de recorrer à rede pública de saúde para obtê-los. O Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza uma lista de 840 medicamentos, que são distribuídos gratuitamente em unidades de saúde de todo o país.

Os remédios são classificados, conforme o tipo de doença, em três grupos: básico (hipertensão, diabetes e asma), estratégico (aids, tuberculose e hanseníase) e especializado (ou de alto custo). Só para os últimos, o Ministério da Saúde dispõe de uma lista de medicamentos direcionados para os casos e doenças raras, como Alzheimer e problemas psiquiátricos, pulmonares e cardíacos crônicos, denominados “medicamentos especializados ou de alto custo”, ressalta.

Para solicitar os remédios, o paciente deve estar cadastrado no SUS e apresentar documentos à unidade de saúde onde vai fazer o pedido. Vale ressaltar, no entanto, que não é em qualquer unidade que se poderá fazer isso, porque somente em algumas ocorrem a entrega específica de medicamentos de alto custo. No Rio de Janeiro, o programa é implementado em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde por meio da RioFarmes, central de dispensação de medicamentos de alta complexidade.

No caso dos produtos de menor complexidade, o programa Farmácia Popular, criado em 2004, em parceria com municípios, Estados, instituições de ensino e de saúde filantrópicas, amplia o acesso a medicamentos essenciais com baixo custo para a população. A rede própria conta com 528 unidades e disponibiliza 112 remédios, mais o preservativo masculino. Os descontos podem chegar a 90% dos preços de mercado, com paciente tendo de apresentar receita médica e documento com fotografia.

Em 2006, houve a expansão do programa para a rede privada, sendo chamado de Aqui Tem Farmácia Popular. Nessa modalidade, são disponibilizados 24 medicamentos para hipertensão, diabetes, asma, rinite, dislipidemia, mal de Parkinson, osteoporose, glaucoma e contraceptivos, além de fraldas geriátricas para incontinência urinária. Atualmente, são 33.854 farmácias em 4.411 municípios, cobrindo 80% do território nacional.

Os laboratórios farmacêuticos também contam com programas de desconto em medicamentos. A maior parte prefere descrever os programas como iniciativas para apoio ao paciente e reforço à continuidade do tratamento, em que o desconto é apenas um dos elementos. Alguns também participam do programa Farmácia Popular, reduzindo o preço dos medicamentos para as farmácias participantes. Um exemplo é a GSK, que contribui para a Farmácia Popular com o Salbutamol (Aerolin) e para o Aqui Tem Farmácia Popular com o Sulfato de Salbutamol (Aerolin) e Dipropionato de Beclom (Flixotide). Os dois produtos são para combate à asma e estão disponíveis desde 2012.

Guilherme Maradei, presidente da Merck no Brasil e gerente-geral da divisão farmacêutica Merck Serono, informa que a empresa participa do programa Farmácia Popular oferecendo um preço menor do remédio Glifage às farmácias. A empresa conta ainda com programa de descontos diretamente aos usuários, visando à fidelização e ao relacionamento para levar informações de prevenção e qualidade de vida ao paciente. Lançado no ano passado, o programa inclui os medicamentos Glifage, para diabetes, com descontos de 25%, e Thioctacid, para tratamento de polineuropatia diabética, com abatimento de até 40%.

“O objetivo é incentivar o paciente a manter o tratamento, o que é fundamental para as doenças crônicas. Como é novo, está sendo desenvolvido como um canal de relacionamento. Estamos explorando oportunidades para ampliá-lo”, destaca Maradei.

Na Pfizer, o programa Mais Pfizer foi lançado em 2006 e tem como objetivo dar suporte ao paciente e ampliar o alcance aos medicamentos. A iniciativa visa a abastecer o paciente com informações sobre a doença, principalmente no caso de doenças crônicas que necessitam de um tratamento contínuo.

O programa inclui 13 medicamentos com descontos, indicados

para doenças crônicas frequentes na população brasileira e de grande impacto para os sistemas de saúde, como hipertensão e colesterol alto. Também integram essa lista medicamentos para depressão, glaucoma, dor, ansiedade, doença de Alzheimer e bexiga hiperativa. Atualmente, o Mais Pfizer conta com cerca de 420 mil usuários ativos, mas desde o seu lançamento, em 2006, o programa beneficiou cerca de 2,1 milhões de pacientes.

“Acompanhamos os pacientes cadastrados no programa e fazemos um monitoramento constante para verificar a adesão desses pacientes às terapias prescritas pelos médicos. Temos a expectativa de, no futuro, aumentar o número de medicamentos e, consequentemente, de pacientes ativos”, diz Vagner Pin, diretor comercial da Pfizer Brasil.

Em agosto, a Mundipharma lançou, em parceria com a Oncoguia, associação de pacientes com câncer, e a Sociedade Brasileira para Estudos da Dor (SBED), o programa Viver Sem Dor, voltado a pacientes que sofrem com dor crônica. Eduardo Alonso, diretor de marketing para a América Latina da Mundipharma, afirma que, a princípio, o foco do programa é nos pacientes que fazem uso do OxyContin, medicamento amplamente receitado para o tratamento da dor oncológica de moderada a severa. Os pacientes poderão ter abatimentos de 30% a 50%. Além dos descontos, o programa vai oferecer aos pacientes site e aplicativo (iOS ou Android) com conteúdos sobre o tratamento.

“Apesar da alta taxa de incidência da dor, chega a 80% nos pacientes oncológicos, ela ainda é subdiagnosticada e subtratada. Os objetivos do programa são ampliar a conscientização e o acesso a informações relevantes sobre o manejo da dor e promover maior adesão ao tratamento, visto que, devido ao preço dos medicamentos, muitos pacientes abandonam o tratamento antes do término por não conseguirem arcar com os custos”, diz Alonso.

A Novartis oferece o Vale Mais

Saúde, programa de adesão ao tratamento. A empresa oferece acesso, por meio de descontos, a informações sobre a doença e serviços de apoio. Segundo Ricardo Maykot, diretor de comércio, serviços e inovação da companhia, o programa foi criado há 11 anos e é o maior da América Latina, com 4 milhões de pacientes e mais de 40 produtos das marcas Novartis, Alcon e Sandoz, para doenças como hipertensão, diabetes, Alzheimer e epilepsia.

“O objetivo é permitir que o paciente tenha mais facilidade em seguir a recomendação do médico, porque, quanto mais for informado e receber maior apoio, mais ele manterá o tratamento. Temos vários indicadores, incluindo a curva de adesão ao tratamento. O programa tem 30 mil novos pacientes por mês e mais de 660 mil compram os remédios todos os meses”, destaca.

Alonso, da Mundipharma: medicamento combate a dor crônica



DIVULGAÇÃO